



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INDÍGENAS

Adriellen Oliveira Branco, Centro Universitário São Lucas,
adriellen.branco2012@gmail.com

Jairo Maia França, Centro Universitário São Lucas,
jairo.franca@saolucas.edu.br

Kaylane Prado Mourão Costa dos Anjos, Centro Universitário São Lucas,
kaymourao15@gmail.com

Nikolli Evelyn Gubert, Centro Universitário São Lucas,
nikolli.gubert@saolucas.edu.br

A saúde mental no Brasil, apesar de se pautar, nos dias atuais, por um viés psicossocial, traz consigo incongruências que impactam a população indígena, sendo um desses momentos a aplicação de conceitos reducionistas de saúde diretamente às culturas indígenas. É necessária uma mediação inter e transcultural, que utilize a inter e a transdisciplinaridade como ferramentas para desenvolver políticas públicas que possam efetivamente atender a essas populações, levando em consideração suas particularidades. Para tanto, é de suma importância saber que, embora as comunidades indígenas possam ser vistas como populações em estado de vulnerabilidade, como de fato o são, esses grupos étnicos não são subculturas da cultura nacional ou ocidental, e, portanto, não podem receber o mesmo tratamento hegemônico. Na verdade, tratam-se de culturas inseridas numa sociedade envolvente e hegemônica, que continuam lutando por sua sobrevivência. A partir dessa demarcação cultural, a trajetória da assistência em saúde mental para crianças e adolescentes no Brasil revela um desenvolvimento distinto e mais lento em comparação com o oferecido à população adulta, visto que, historicamente, jovens com comportamentos considerados inaceitáveis eram estigmatizados como loucos e isolados em instituições psiquiátricas, uma realidade que, apesar de não ser mais endossada por políticas oficiais, ainda ocorre em certas regiões. Contudo, a saúde mental passou a ser trabalhada com um olhar mais humanizado a partir do processo de desinstitucionalização e da busca por construir uma rede de cuidados na qual o indivíduo é olhado de forma biopsicossocial ao invés de visualizá-lo apenas como uma patologia. Ainda assim, o campo do cuidado a essa população está em constante construção, refletindo a necessidade de uma atenção



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

continua e adaptada às mudanças sociais e aos novos entendimentos sobre saúde mental infanto-juvenil. Nesse sentido, o presente trabalho descreve a realização do projeto de extensão II do Centro Universitário São Lucas desenvolvido sob a supervisão da docente Ma. Weidila Nink Dias, que teve como objetivo apresentar e evidenciar a inquietação referente ao tema Saúde Mental de Crianças e Adolescentes Indígenas quanto às particularidades e desdobramentos de sua intercessão. Para tanto, visou-se enfatizar a um recorte regional dos povos indígenas de alcance do grupo através de um material acessível. Com essa finalidade foi realizada a produção de duas entrevistas gravadas em formato de *podcast* com direito a dois convidados especiais: o indígena Tiago da etnia Karitiana - um povo nativo do Estado de Rondônia, localizado à margem direita do Rio Candeias - e o Pedagogo, Sociólogo, Pesquisador e Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente - Dr. Rafael Ademir Oliveira de Andrade. Além disso, o grupo executor contou com o auxílio do intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) Vinícius Leonel na tradução das falas para a referida língua. Buscou-se elucidar uma perspectiva tanto sob um olhar interno, ou seja, de quem está inserido e se reconhece como indígena (de dentro para fora), quanto a consideração de quem atua e desenvolve pesquisas acerca das demandas das comunidades indígenas de Rondônia, só que sob uma perspectiva externa (de fora para dentro). A partir da vivência do próprio Tiago enquanto criança e adolescente indígena ao ser inserido à cidade desde tenra idade e não se sentir pertencente a nenhum lugar, nem mesmo como um indígena por tempo significativo de sua adolescência, além do conhecimento de quais acessos às políticas públicas como um todo carece a/o seu povo, desde a insegurança territorial até a subsistência, refletem por si só na saúde mental da sua comunidade, principalmente ao grupo infanto juvenil dos envolvidos por tantas camadas de violências direcionadas aos povos originários, das quais lidam desde os primórdios da história do Brasil enquanto nação e território de direitos. Em consonância, o Dr. Rafael Ademir também reforçou a importância de se ter um olhar sobre esses fatores de atravessamento e sua influência, compreendendo que da perspectiva de muitos indígenas a floresta é sua forma de viver, sua cultura, logo, as situações de ataque que ocorrem de diferentes direções, tais como leis que diminuam os direitos indígenas, precarização da Funai, bem como sua posição alheia à missão de proteger os povos indígenas, grupos que os vêem como um atraso, familiares sendo executados, situações de fome extrema e outras violências são fatores de risco que influenciam no desenvolvimento de infanto juvenil e impactam sua saúde física e mental. Assim, tais



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 09 a 11 de outubro de 2023 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

discussões levam à luz possibilidades de novas estratégias de atuação dentro das comunidades em questão, tendo em vista a busca por uma atuação diferente da convencional, acolhedora e potencializadora, com políticas públicas afirmativas e multidisciplinares. Diante do exposto, é possível entender que as realidades se cruzam, entrecruzam, atravessam e evocam a possibilidade de novos projetos sucederem com o mesmo empenho, atenção e importância que se dá à diversidade de culturas e à forma que se deve atuar dentro destas comunidades sem invalidar sua identidade e singularidade, e a partir dessa premissa, que haja uma ponte entre a Psicologia e a cosmovisão da cultura existente, na medida em que tudo aquilo que se faz com os povos indígenas tem que ser feito com eles e não "para" eles “como forma civilizatória”.

Palavras- chave: Crianças. Adolescentes. Povos Indígenas. Saúde Mental.